



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9955 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

A AÇÃO DA VEJA PARA OCULTAR OS JOVENS DO MOVIMENTO JUVENIL NA  
COBERTURA DA CRISE POLÍTICA DE 1992

Claitonei de Siqueira Santos - PUC-GOIAS Pontifícia Universidade Católica de Goiás

**A AÇÃO DA VEJA PARA OCULTAR OS JOVENS DO MOVIMENTO JUVENIL NA  
COBERTURA DA CRISE POLÍTICA DE 1992**

**Resumo:** O presente texto apresenta parte das reflexões contidas em uma pesquisa em nível de doutorado defendida em dezembro de 2020 na faculdade de educação da Universidade Federal de Goiás. A pesquisa, de cunho qualitativo, teve como corpus documental a análise do texto jornalístico e das fotografias de oito edições da revista *Veja* sobre as manifestações dos jovens. O objetivo é ressaltar como a ação de jovens vinculadas ao movimento juvenil foi ocultado pela revista *Veja* em sua cobertura da crise política de 1992, cujos movimentos de ruas e praças pediam o *Impeachment* do Presidente Fernando Collor. Ancorado na concepção de Pierre Bourdieu de que é preciso compreender os jovens a partir do contexto social em que estão inseridos, pois os critérios que definem juventude são sempre externos e, por conta dessa característica, são passíveis de manipulação. *Veja* desconsidera tal concepção e, por meio da linguagem jornalística, desenvolve um processo de ocultar mostrando a ação das juventudes nas reportagens sobre os protestos contra o presidente em 1992.

**Palavras-chave:** Movimentos juvenis, *Impeachment* de Collor; Revista *Veja*.

A crise política de 1992 gerou movimentos de descontentamentos que levaram milhares de pessoas às ruas. A presença de jovens denominados pelos meios de comunicação comercial como "*Caras pintadas*" (RODRIGUES, 1997), foi significativa e heterogênea. Eles pediam a moralização da política, bem como o reordenamento das medidas econômicas restritivas do governo, mas foi o *Impeachment* do presidente da república, eleito em 1989 que ganhou maior atenção da *Veja*.

Considerar o tipo de abordagem jornalística realizada à época se deve ao fato de a revista *Veja*, ao fazer a cobertura dos escândalos de corrupção envolvendo o presidente, também abordou a participação dos jovens em protestos. Assim, objetiva-se responder: qual visão da revista *Veja* sobre os jovens, nos movimentos de rua que solicitavam a saída do presidente Collor em 1992? A reflexão que propomos parte da constatação de que a revista *Veja*, ao ter dado expressiva e ampla cobertura às acusações contra o presidente, também fez o mesmo com as sucessivas ondas de manifestações e utilizou da linguagem jornalística para distorcendo a realidade vivenciada por milhares de jovens nos protestos a favor do

## *Impeachment.*

A investigação foi desenvolvida por meio de procedimentos próprios das pesquisas bibliográfica, documental e qualitativa e teve como corpus documental a análise do texto jornalístico e das fotografias das oito edições que contêm as reportagens realizadas pela revista [1] sobre as ações dos jovens no movimento de *Impeachment* de 1992, na perspectiva de Bourdieu (2019, 2007, 1996, 1997) e Burke (1994).

Utilizando os recursos e as técnicas presentes no *modus operandi* da sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu, concentramo-nos na linguagem jornalística utilizada pela revista *Veja* para atribuir sentidos e significados a elementos da realidade da presença dos jovens nos movimentos de rua pedindo a saída do presidente em 1992. De outro lado, é bastante recorrente a utilização do termo rua, povo, manifestantes, manifestações, em detrimento de jovens ou juventude. Tais expressões nas reportagens não são neutras, expressa uma interpretação do espaço social na medida em que atribui sentido e significado às ações dos jovens.

A importância dos meios de comunicação comercial é inegável, pois oferece enormes contribuições para a formação de valores, concepções e visões de mundo para parcela significativa da sociedade brasileira, também, especialmente quando é um meio de comunicação de grande prestígio nacional, pode, por meio da linguagem jornalística, forjar essas concepções, valores e visões de mundo. No caso em discussão, a dos jovens manifestantes, o que disse a revista não parece condizer com as condições objetivas e concretas historicamente vivenciadas pela maioria deles em um país marcado pela enorme desigualdade.

No Brasil, o prestígio da *Veja* foi latente e sua capacidade de interferência no espaço social ainda é bastante consistente. No entanto, esse prestígio não pode ser visto como isento de relações de poder, pois é também a expressão de distâncias entre grupos de uma determinada formação social. Assim, por meio da linguagem jornalística, é possível construir uma narrativa que contribua para a manutenção das relações de poder, destituindo o sentido político da ação dos manifestantes jovens em 1992, o que a revista mostrou a partir das imagens utilizadas nas reportagens, caracterizando o direcionamento que ela deu a essa mesma narrativa.

Sabe-se que a linguagem jornalística não é neutra ou isenta de intencionalidades, cabendo uma análise mais detalhada e minuciosa sobre sua ação no espaço social. A escolha da revista *Veja* ocorreu pelo fato de ela ter atingido um estágio considerável de prestígio e legitimidade no campo jornalístico e junto ao seu público, maioria de classe média e média alta, no período em estudo. Desse modo, além de ser um referencial junto à imprensa nacional, a revista demonstrava – e ainda demonstra – força e capacidade de estabelecer a produção de sentidos por meio de um processo que Bourdieu (1997) denomina de censura invisível - seu prestígio e legitimidade a dotam da capacidade de desenvolver um arbitrário cultural, impondo o desejo de determinados grupos, classes ou frações de classe como se fosse algo neutro, natural e revestido como o desejo da grande maioria.

O destaque dado pela *Veja* aos acontecimentos coloca como inerente aos discursos da revista sobre a corrupção e os escândalos a ação dos jovens, que *Veja* denominou de manifestantes, estudantes etc., muito embora a função importante que tiveram na crise política, desde o início até o seu desfecho no final de 1992 não foi mostrado de forma significativa pela revista.

A participação dos jovens foi inerente aos movimentos do Fora Collor. Sua presença está historicamente marcada, pois foi um período de forte organização social. Assim, em

termos quantitativos, foi significativa a presença de jovens nas ruas, segundo Groppo (2008): eles surgiram sem o auxílio de nenhum partido político, entidade representativa ou político profissional. A exposição dos jovens nos meios de comunicação de massa foi muito grande, embora subsumida na nomenclatura “*Caras pintadas*”, termo criado pela própria mídia, conforme afirma Dias (2000). Dessa maneira, devido à sua importância e legitimidade, os meios de comunicação de massa construíram uma concepção ou, em termos mais teóricos, uma perspectiva de memória histórica acerca dos acontecimentos, pois, geralmente, a linguagem que utilizam é vista como a expressão da própria realidade.

Por conseguinte, está embutida, no interior da abordagem realizada pela revista, a construção de um tipo de narrativa em relação aos fatos e, portanto, também os elementos para a solidificação de uma abordagem acerca da categoria juventude e jovens, manifestantes daquele período que não condizem com os fatos históricos e com a ação e a participação desse grupo nos movimentos de rua no fora Collor.

As tentativas de homogeneização desse segmento expressam, conforme destacou Foracchi (2018), uma busca constante de aproximação com os grupos juvenis vinculados às camadas médias e pequeno-burguesas, passando a ideia de juventude como um tempo de fruição, de preparação para a vida adulta, de tempo para os estudos, como se todos os jovens vivessem as mesmas condições. Bourdieu (2019) destaca que a categoria precisa ser construída no âmbito do espaço social, nas divergências que nele circundam, porque, caso contrário, pode-se idealizar a concepção de juventude, pois sempre se é velho ou jovem de alguém. O mais coerente, portanto, é falar em juventudes no plural, entendendo que a categoria não é fixa, mas se transforma conforme as condições objetivas e concretas de determinado momento histórico.

A juventude da década de 1990 vivenciou outro contexto histórico, a intensificação da lógica capitalista neoliberal fazia outras exigências e, nesse contexto, a juventude era concebida como apática politicamente e denominada de “Geração Shopping”, termo que se associava melhor à lógica de mercado por expressar uma homogeneização, ainda que os jovens não consumissem de forma igual ou frequentassem os mesmos lugares.

Com a intensificação das desigualdades, o aumento da violência e o crescimento significativo da população juvenil, os jovens passaram a ser representados socialmente como um problema. Assim, os movimentos que contavam com a presença da juventude logo eram descaracterizados, sofrendo uma espécie de distorção do seu sentido ou tentativa de controle por parte das instituições adultas. E isso não foi uma invenção da década de 1990, como mostrou Foracchi (2018). No entanto, os meios de comunicação, nesse período, com muito mais força, cumpriram a função dessa caracterização da participação dos jovens em protestos e manifestações de rua[2].

A partir da ação dos meios de comunicação de massa, é pertinente a colocação de Thompson (1992) ao destacar que tomar o discurso da mídia como fonte de pesquisa sem o devido questionamento é esquecer que por trás dele existem editoração e um conjunto de interesses. As interrogações do autor - “a reconstrução que fazem do passado baseia-se na autoridade de quem? E com vistas a quem ela é feita?” (THOMPSON, 1992, p. 11) - nos instigam a refletir, pois a linguagem jornalística que narra um fato impacta sobremaneira na forma ou na maneira como os acontecimentos ocorreram e que passam a funcionar, na percepção das pessoas, conforme a narrativa o descreve. Pode, assim, constituir uma imagem representativa e idealizada de um determinado fenômeno social, as juventudes, os jovens, por exemplo.

A *Veja* não explorou a condição de sujeitos sociais dos jovens. O objetivo no ocultamento dos mesmos nas páginas da revista esteve associado à desvinculação destes das

ações desenvolvidas pelas organizações de movimentos sociais e nisso reside também seu poder político e também caráter educativo visando à formação de um senso comum que atendesse os seus interesses de classe. Contudo, ler e apreender os jovens como sujeitos sociais, coloca a necessidade de entender que os sujeitos são contraditórios e a contradição não se resolve, ela só se desenvolve.

Assim, a abordagem da linguagem jornalística sobre os jovens que estiveram à frente dos movimentos na crise política de 1992, que resultou na saída do presidente da república, pode estar distante das condições objetivas e concretas vivenciadas por milhões de jovens e assumir uma conotação mais homogênea e ligada aos setores dominantes da estrutura social. Pode ainda residir nisso a tentativa de direcionamento sobre os movimentos juvenis, impactando a memória coletiva e constituindo referência no campo social sobre as juventudes.

## CONCLUSÕES

Não se ignora o fato de que as imagens visuais transmitem uma mensagem, mas é complicado utilizá-las como expressão da realidade sem fazer as conexões necessárias com o período. As imagens dos manifestantes nos protestos pró-*Impeachment* de 1992, utilizadas na *Veja*, estão isentas de qualquer tipo de explicação e nisso reside a intencionalidade, dado que a utilização das imagens forja a realidade, gera tendências, pelo prestígio e número de vendas a cada edição midiática.

Podemos inferir que, com a tentativa de ocultamento, as juventudes esboçadas ficaram distantes da realidade e das condições objetivas e concretas naquele contexto histórico. Há, na sua narrativa, a tentativa de descaracterização do sentido político que o termo juventude, historicamente possui no país. E o ocultamento foi uma das formas utilizadas para isso.

Como o ocultar, no sentido de não revelar, não demonstrar, disfarçar, dissimular é diferente de não mostrar, seria incoerente dizer que a *Veja* deixou de mostrar os jovens nos protestos a favor do *Impeachment*. Mas é coerente dizer que ela disfarçou, dissimulou, desobrigou-se de falar, direta e objetivamente, dos jovens e isso foi uma escolha na fabricação das notícias. Seguiu o caminho de sua linha de editoração, que considerou o melhor conforme os interesses de classe. E fez com uma perspicácia e sutileza de dissimulação capaz de fazer acreditar que os jovens estiveram presentes em cada reportagem realizada.

Portanto, a perspectiva do ocultar mostrando foi crucial para compreendermos o que se passa na fabricação da notícia. As imagens, por mais que sejam expressão de uma parte do real, também possuem limitações e podem, dependendo do objetivo com que são olhadas. Mostrar exatamente o contrário do que se esperava que ela representasse. Ou seja, a perspectiva de uma juventude historicamente combativa, politizada, deu lugar a um movimento ordeiro, descaracterizado de viés político e ideológico, porque, segundo a narrativa da *Veja*, os manifestantes almejavam a moralização na política e essa seria alcançada com a saída do presidente.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 11. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

\_\_\_\_\_. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

Burke, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

DIAS, Luis Antonio. *A geração cara-pintada: a participação dos jovens no processo de Impeachment*. (Tese Doutorado), Assis, SP: Universidade Estadual de São Paulo, 2000.

FORACCHI, Marialice M. *A juventude na sociedade moderna*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

GOHN, Maria da Glória. *Manifestações de junho de 2013 no Brasil e Praças dos indignados no mundo*. Petrópolis: Vozes, 2014.

Gropo, Luís Antonio. As passeatas pelo *Impeachment* em 1992 e os jovens “*Carapintadas*”. In: GROppo, Luís Antonio; FILHO, Michel Zaidan; MACHADO, Otávio Luiz. (Orgs.). *Movimentos juvenis na contemporaneidade*. Recife: Editora da UFPE, 2008. p. 39-52.

RODRIGUES, Vera Marisa de Souza. *Carapintadas: estudantes na festa e na política*. (Dissertação de Mestrado), Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1997.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

---

[1] Identificou-se 55 revistas entre os meses de janeiro a dezembro de 1992, ano ápice para o conjunto de denúncias contra o presidente. Dessas, 24 traziam matérias e reportagens mais diretamente relacionadas aos escândalos de corrupção ou teve a imagem do presidente estampada na capa.

[2] As experiências do maio de 2013 são bastante sugestivas a esse respeito, pois, logo no início, os meios de comunicação comercial trataram de caracterizar as manifestações como violentas e os jovens como vândalos, baderneiros. Somente depois, se trabalhou a perspectiva de movimento pacífico (GOHN, 2014), caracterizando, mais uma vez, a ideia de controle que destacou Foracchi (2018).